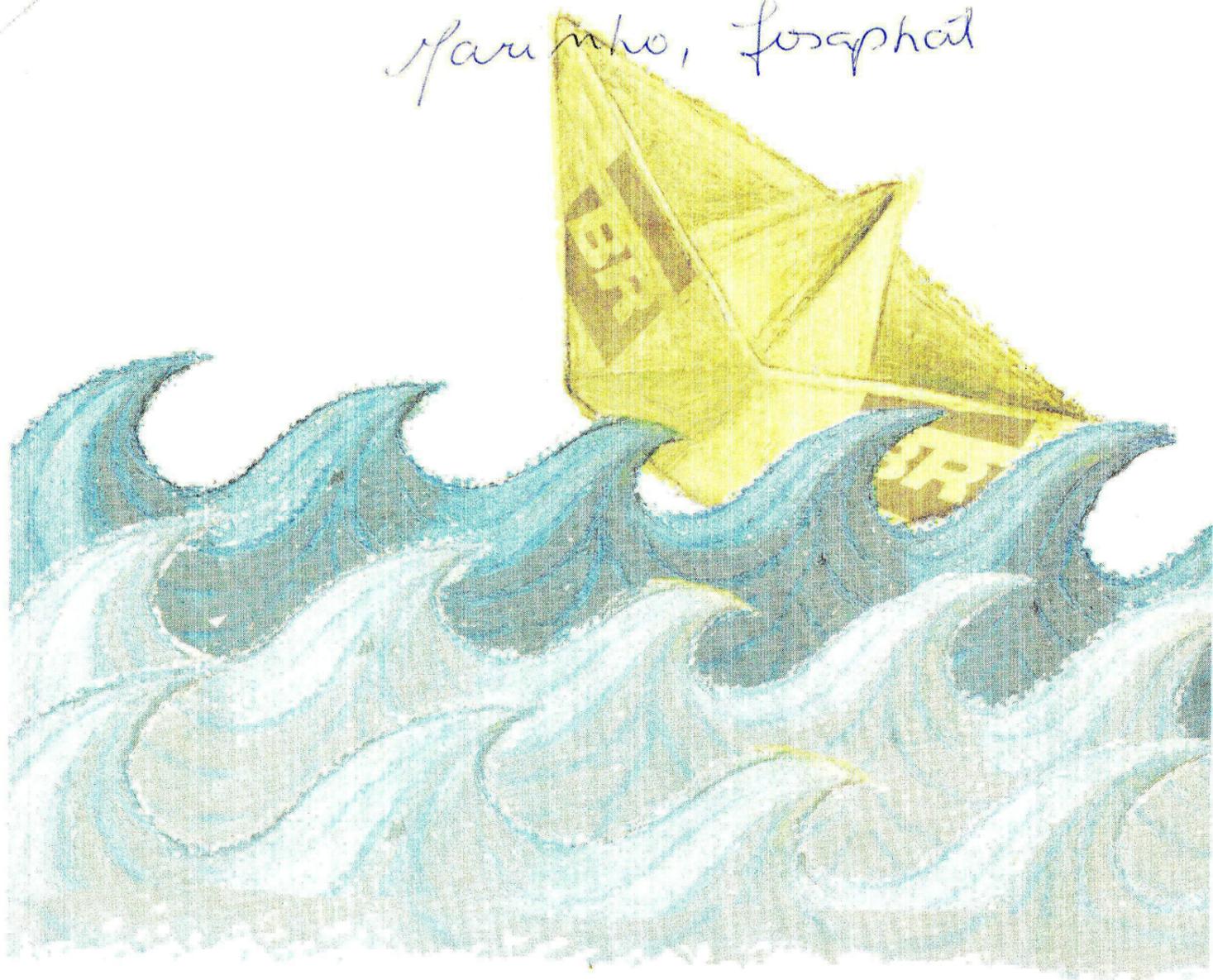


Marinho, Josaphat



# A perda da plataforma P-36

**É** extremamente lamentável a perda da plataforma P-36. Sejam quais forem as razões do desastre, a submersão do grande conjunto tecnológico é deplorável. O desaparecimento da complexa e produtiva engrenagem, acima de suas causas, gera espanto e tristeza. Menos pelo prejuízo material, embora enorme, do que pela tragédia em si e pelos corpos dos seres humanos que carregou em compartimentos fechados, tudo no desastre motiva dor. As lágrimas de operários da empresa que assistiam ao lento e depois rápido afundamento da plataforma eram expressão real do que significava o desaparecimento inesperado do valioso instrumento de trabalho. Ainda que não fosse, e era, a maior plataforma do gênero no mundo, tragada pelas águas se reduzia, naquele instante, a um amontoado de ferro inútil e ameaçador do meio ambiente. Logo no mar, em que a Petrobras desenvolveu técnica pioneira de pesquisar petróleo em profundidade, a infelicidade a alcança, tragicamente.



POR JOSAPHAT MARINHO

subsolo nacional. Já se aproximava de produção que bastaria à auto-suficiência do mercado brasileiro. No mesmo passo, desenvolveu o refino, atendendo a múltiplas exigências do país e aumentando seus recursos para outras ações mais onerosas. Organizou o transporte e a distribuição dos derivados, na extensão do território nacional. À medida que multipli-

cava suas atividades, formava, de modo diversificado, notável mão-de-obra especializada. Fortalecida financeiramente, se experimentou crises, ajudou instituições e iniciativas diferentes, como outra forma de concorrer para o desenvolvimento cultural e técnico. Se em fases várias perdeu técnicos e especialistas, levaram estes, apesar de injustificados, aptidões singulares, para onde quer que se tenham transportado. Os conhecimentos e a experiência adquiridos serviam sempre ao país.

Decerto, a política neoliberal e as mudanças constitucionais esmaeceram aquela imagem viva da Petrobras. A quebra do monopólio estatal lhe enfraqueceu o vigor. Já não tem a mesma influência na economia nacional. Se a esses fatores institucionais de debilitação se juntarem outros, decorrentes do desastre ou de suspeitas baseadas nele, pior será para a empresa e o país. A técnica e o capital estrangeiro virão com robusta força, não para nos servir, mas para subjugar nossa capacidade criadora e produtiva. O fenômeno da globalização facilitará esse poder de penetração do capitalismo internacional. E se a política neoliberal interna não protegeu o mercado consumidor na contenção dos preços dos derivados, não terá interesse nesse resguardo a exploração estrangeira.

De todo modo, as dissensões, mesmo legítimas, correntes na política nacional, precisam não transformar o infortúnio da empresa em impulso prejudicial à sua sobrevivência eficiente. A apuração rigorosa do que aconteceu não deve converter-se em forma de abatimento maior do organismo empresarial. Apesar da orientação política e econômica de hoje, a instituição beneficia o país e o povo. A divergência desserve o país quando confunde paixão com interesse público. Nas horas de grave crise, a moderação é prova de firmeza e de descortino. Eis o que se espera que prevaleça, sem prejuízo da vigilância necessária e da assistência indeclinável às famílias cruelmente feridas.

**URGE PRESERVAR O NOME DA PETROBRAS. O PRESTÍGIO DE SEU PASSADO E DE SUA CAPACIDADE TÉCNICA É PATRIMÔNIO DO PAÍS E NÃO PODE SER DESTRUÍDO POR UM ACIDENTE, INDEPENDENTEMENTE DE SUAS ORIGENS**

Se cabe apurar extensamente as razões do fato, tenha ou não ocorrido erro humano, urge preservar o nome da Petrobras. O prestígio de seu passado e de sua capacidade técnica é patrimônio do país. Não pode ser destruído por um acidente, independentemente de suas origens. As divergências ora existentes em torno da empresa e de sua política, e delas participa o autor destas linhas, não podem prevalecer diante de uma imagem forte, conquistada ao longo de muitos anos de esforço, da dedicação de muitos e da competência de outros tantos. O passado de trabalho experimental e confiante não pode ser esquecido num momento de infortúnio.

No país em que tanta gente sustentou a inexistência de petróleo, a Petrobras, prosseguindo nas atividades iniciais do CNP, demonstrou a riqueza do

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPIS